

nara roesler



angelo venosa
quasi

nara roesler | rio de janeiro
1º de abril – 18 de maio, 2021

Nara Roesler tem o prazer de anunciar a individual *Quasi*, de Angelo Venosa, em sua sede carioca. A mostra comemora a longa trajetória do artista paulistano radicado no Rio de Janeiro, cujo compromisso com a experimentação não deixa de lado o rigor técnico.

Nessa ocasião, Venosa apresenta trabalhos recentes, criados desde 2018, que expressam e desdobram as principais características de sua prática, entrelaçando formas, materiais e procedimentos do início de sua carreira com preocupações atuais. A grande maioria dos trabalhos foi desenvolvida com madeira, tecido e fibra de vidro. A partir desses materiais, Venosa elabora formas que apontam para a tensão entre o orgânico e o abstrato. Essas peças nos remetem a fósseis, fragmentos ou corpos inteiros de criaturas desconhecidas, fazendo-nos refletir sobre as diferentes temporalidades presentes no mundo, o passado, o presente e o futuro; assim como nos oferece uma reflexão sobre morte e sobrevivência. De fato, suas figuras sempre trazem algo de familiar e de estranho, de palpável, pela sua fisicalidade, e de mistério, por não nos permitir identificar um referente exato.

Radicado no Rio de Janeiro desde meados da década de 1970, Angelo Venosa participou da cena efervescente que ficou conhecida como “Geração 80”. Venosa é um exemplo de que o grupo de criadores que despontou nessa época não desenvolveu trabalhos apenas voltados para a linguagem da pintura, mas que, segundo a crítica de arte e curadora Daniela Name, “tinham em comum o desejo de recuperar a conexão afetiva com a representação e com as imagens, migrando seus interesses políticos para uma esfera subjetiva e íntima, o que coincide com uma ampliação da liberdade narrativa conquistada no período de redemocratização do país.”

A importante trajetória de Angelo Venosa pode ainda ser verificada pela sua presença em coleções privadas e institucionais, como Museu de Arte do Rio (MAR), a Pinacoteca do Estado de São Paulo, e o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), em Madri; mas também por ocupar o espaço público. A escultura *Baleia* (1989), na praia do Leme, é apenas uma das inúmeras esculturas do artista espalhadas pelo país, dialogando e transformando o ambiente em que se instaura.

Quasi – Angelo Venosa, a encarnação das travessias

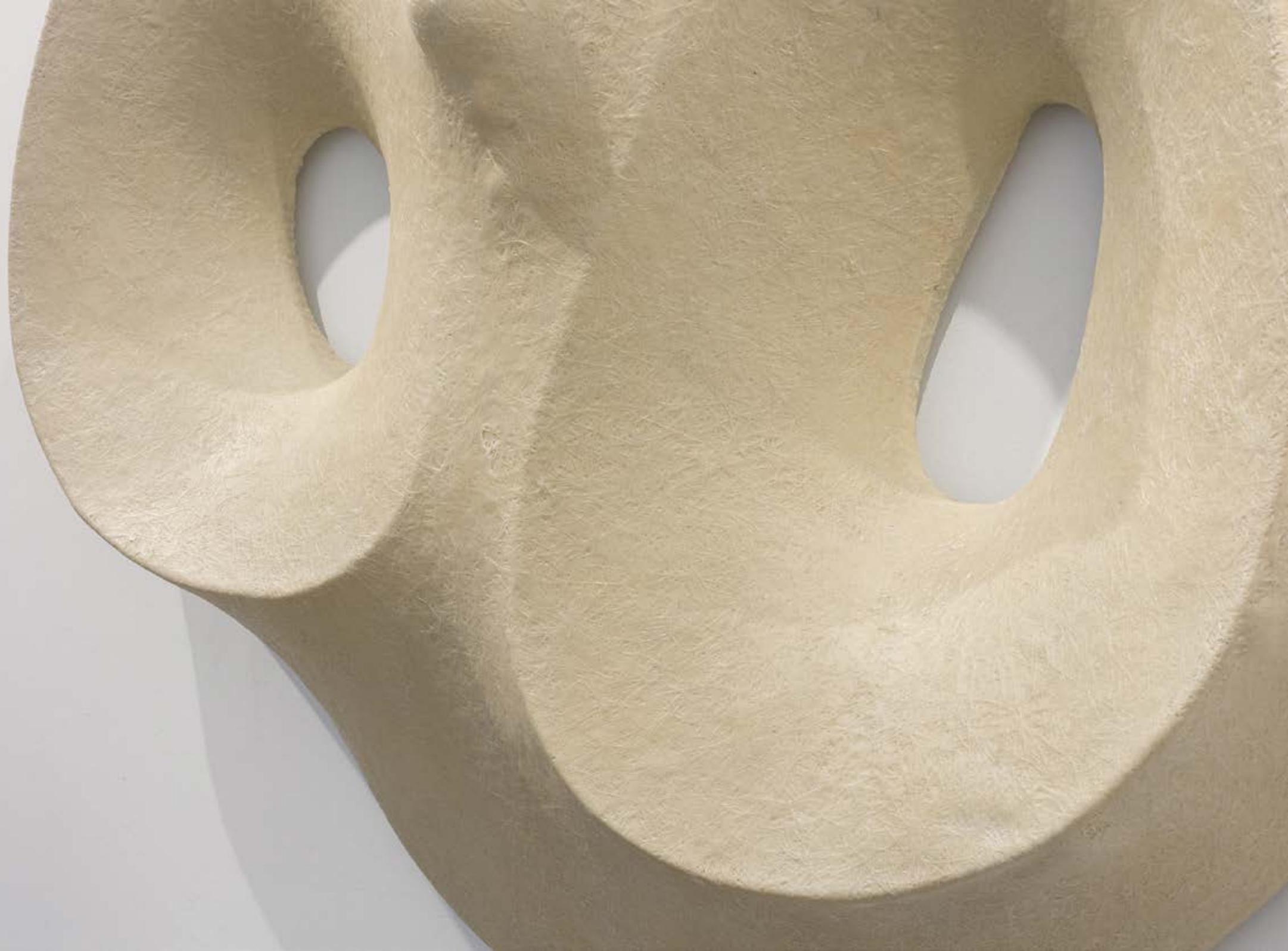
Daniela Name

Angelo Venosa costuma contar duas histórias que marcam, respectivamente, sua infância e sua juventude, contribuindo de forma não-esquemática para a sua formação como artista. Na primeira, o irmão mais velho relata a trama de um filme de terror, no qual um *serial killer* mata as estudantes de um colégio interno, esquarteja seus corpos e tenta fazer com os pedaços uma menina perfeita. Na outra, em sua primeira visita à Itália ancestral, o artista acaba se perdendo no mapa de Roma e termina diante do *Pulcino della Minerva* (1667), de Bernini. Conhecido também como *Obelisco do elefante*, o monumento une duas peças distintas: uma ponteira poliédrica marcada com hieróglifos, saqueada pela exploração europeia do Egito, e a figura do animal, que ganhou forma pelas mãos de um assistente do escultor e sustenta a forma geométrica no dorso.

A garota-Frankenstein do filme, o elefantinho carregando um passado estrangeiro nas costas: seres submetidos a uma remontagem alegórica que enfatiza seu não-pertencimento a uma linearidade cronológica e espacial, exatamente como ocorre com as esculturas de Venosa.

Sem título, 2018
compensado naval, metal, tecido de algodão,
resina epóxi, fibra de vidro e verniz
edição única
201 x 105 x 35 cm







Sem título, 2020
compensado naval, metal, tecido de
algodão, resina epóxi, fibra de vidro
e verniz
edição de 3 + 2 PA
74 x 68 x 102 cm



O conjunto de trabalhos reunidos em *Quasi* ilumina a trajetória percorrida pelo artista. Mais do que construir uma obra “fronteiriça”, palavra que daria conta mais diretamente apenas das questões do espaço, Venosa tem se dedicado a uma escultura no limiar, que conjuga e enfatiza as contradições de um corpo andrajoso, feito de fragmentos, e sempre inoculado por tempos diversos.

Uma obra em constante exílio: se por um lado pode nos apresentar corpos quase-mortos, que parecem estar sendo calcinados e fossilizados, por outro nos oferece seres quase-vivos, que talvez estejam saindo timidamente de um estado de coma persistente para ganhar ânimo, brotar. Nos dois extremos do movimento do pêndulo, a repetição do “quase” – ou *quasi*, grafado aqui italianado e da maneira antropófoga de Mario de Andrade (a antropofagia não deixa de ser um exílio, afinal).



As esculturas negras do início da carreira estariam mais próximas do primeiro movimento, o das quase-mortas, assim como *Catilina*, apresentada em 2019 no Paço Imperial do Rio de Janeiro como uma grande metáfora para a degeneração. *Quasi*, por sua vez, reúne trabalhos que parecem insistir em estar vivos, e resgatam um fôlego extra para se prolongar a partir de seus núcleos de origem, redondos, abobadados (e, se essas formas de sustentação de eixos lembram a relação de Venosa com a insinuação de figuras orgânicas, sobretudo de animais marítimos, reforçam também um diálogo com a arquitetura). Esses seres quase-figura e quase-abstratos projetam filamentos que serpenteiam pela sala em movimento ascendente, como cordões umbilicais buscando a conexão do corpo da escultura com outros corpos – paredes, pisos, peles, memórias.



Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
edição de 3 + 2 PA
246 x 177 x 141 cm





É preciso falar da radicalidade experimental de *Quasi*, que situa as peças reunidas nesta exposição como um marco no processo criativo de Venosa. Desde o início dos anos 2000, o artista investiga processos de digitalização e projeção virtual. Há três momentos notáveis em que essa investigação técnica contribuiu de maneira decisiva para a criação de uma nova linguagem, acrescentando ainda um bem-vindo grau de risco na execução das esculturas. Em todas as ocasiões, o resultado plástico é atravessado pela disparidade e de indeterminação, ampliando a opacidade e o deslocamento que constituem o DNA exilado das criaturas do artista.

Na primeira ocasião, em 2012, Venosa criou para sua exposição panorâmica do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma peça sem título cuja superfície era formada por triângulos pretos unidos por lacres industriais. Ela havia sido formada a partir de experiências de modelagem no computador: os triângulos aludem à resolução dos polígonos, constituem a malha virtual informe que vai sendo remexida pelo artista e propositalmente não ganha uma forma “acabada”, “resolvida”, vem ao mundo enfatizando sua irregularidade e com todos os seus fragmentos costurados – cicatrizes expostas na “pele”.

Em 2016, o artista criou para o Museu do Açude uma obra monumental, *Gabbah*, que insistia na irregularidade e, mais do que isso, em certo “derretimento” do corpo. Embora pesando toneladas – um eixo de aço, anéis de madeira, revestidos por muitas camadas de epóxi cerâmico –, ela mantém um aspecto mole, de certa flacidez muscular. Conviver com a escultura no meio da mata é ter a sensação sinestésica de que ela pode ser apertada, de que foi feita para pegar, de que podemos refazê-la, gerando novas protuberâncias em seu corpo não simétrico.



Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
edição de 3 + 2 PA
78 x 157 x 222 cm





E, ao chegar à não-simetria, encontro uma trilha de volta para *Quasi*. A obra de Venosa sempre foi marcada por certo espelhamento. Os dispositivos digitais, no entanto, deram ao artista a oportunidade de esgarçar seus métodos de composição. Designer de formação, Venosa teria condições de tirar partido da virtualidade para gerar um “aperfeiçoamento de performance” em seu desenho, ou seja, para tornar ainda mais rigorosa e formal a simetria sempre insinuada em seu trabalho. Mas ele vem fazendo justamente o oposto: se em 2012 mexeu na “pele” da peça fragmentada e em 2016 moldou a “carne” da escultura do Açude, agora, em *Quasi*, atua diretamente na estrutura de suas criaturas, girando o eixo onde estão encaixadas as lâminas de madeira que as constituem. É como se, depois de atuar na superfície e nos músculos, o artista estivesse se dedicando ao esqueleto de seus seres, dando a eles novas possibilidades de articulação – nos planos real e simbólico.

Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
edição de 3 + 2 PA
126 x 97 x 55 cm







“Tenho a sensação de que estou sempre no princípio, sempre começando”, me diz Venosa, e isso é uma forma muito simples e igualmente sofisticadíssima de entender como as peças reunidas em *Quasi* podem iluminar o caminho percorrido por este criador até aqui. O duelo entre ascensão e queda e a noção de exílio que marcam as mais de quatro décadas de produção do artista não deixam de ser uma resposta singular a um raciocínio barroco e alegórico que permeia sua geração, a dos artistas que começaram a trabalhar na década de 1980. Ao recuperar uma relação afetiva e expressiva com a imagem, esse grupo fez a arqueologia de um raciocínio visual que atravessa a formação das artes plásticas brasileiras, que é justamente o da alegoria barroca.

Ainda mais barroca por conjugar a elipse e a síntese, esta mostra na galeria Nara Roesler é feita de espirais: se por um lado o artista parece retornar a um raciocínio do início da carreira, por outro essa “volta” se dá em outro nível, lindamente desencontrado. Mais leves e quase-transparentes, as esculturas de agora, revestidas com a translucidez do ectoplasma, estabelecem uma relação fantasmática com a própria história de Venosa e com o repertório de imagens que sempre o assombrou. Elas se retorcem procurando a memória do que já foi e se esgueiram para alcançar o que ainda pode vir. Retorno como diferença. Futuro como lastro. Quase-passado, quase-adiante: uma exposição que amplia a visão da escultura do artista como uma encarnação de travessias.

Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
edição de 3 + 2 PA
140 x 170 x 430 cm





angelo venosa

n. São Paulo, Brasil, 1954

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Um dos maiores escultores em atividade no Brasil, Angelo Venosa, filho de pais imigrantes italianos nasceu em São Paulo, em 1954. O próprio artista se tornou migrante, ao adotar o Rio de Janeiro para viver. Nesta cidade, formou-se em Desenho Industrial pela Esdi e frequentou os cursos livres da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, durante a década de 1980. Entre 1984 e 1990, Venosa, juntamente com Daniel Senise (1955–), Luiz Pizarro (1958–) e João Magalhães (1945–), formou o Ateliê da Lapa, contexto no qual desenvolveu seus primeiros trabalhos, nos quais encontramos uma sensação de exílio, principalmente nas esculturas que tanto podem ser fósseis de um passado distante, como de um futuro indeterminado.

Venosa integra a chamada “Geração 80”, movimento marcado por uma abordagem subjetiva e intimista da produção de imagens. Em seu trabalho da década de 1990, as relações entre forma abstrata e a pesquisa com a matéria tornam-se determinantes. As características dos variados materiais empregados: mármore, cera, metal, vidro, acrílico e dentes de animais, entre outros, aparecem como modos de abordar o orgânico e a tradição escultórica. Os entrelaçamentos entre linhas e volumes sugerem o encontro entre a escultura e o desenho, técnica que também faz parte da prática de Venosa. A estranheza de suas estruturas fundam uma temporalidade ambígua, carregam referências a eras ancestrais e ao futuro distópico. Essa sensação se amplia na tensão entre as formas e materiais orgânicos e inorgânicos apresentados.

exposições individuais selecionadas

- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil (2018); Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Marimbondo*, projeto *O Grande Campo*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal 1940–2010: Coleções Museu de Arte Moderna de São Paulo e Instituto Casa Roberto Marinho*, Instituto Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2018); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Bestiário*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte de Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros (CPPC), Caracas, Venezuela
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art